

# Renovação de acordo para abertura aos domingos divide lojistas

Alessandro Mendes  
de Brasília

A continuidade da abertura do comércio no primeiro domingo do mês está gerando controvérsia entre os shopping centers do Distrito Federal, Associação dos Lojistas de Shopping Center do DF (Aloshop) e Sindicato do Comércio Varejista do DF (Sindivarejista). O acordo, firmado em novembro do ano passado entre o Sindicato dos Empregados no Comércio do DF (SECB-DF) e o Sindivarejista se encerra no próximo dia 30, e ambos não têm planos de renovar o contrato. Os shoppings e a Aloshop, no entanto, consideram a decisão equivocada, e garantem que, caso o acordo não seja prorrogado, terão prejuízo de 20% no faturamento durante o próximo ano.

Para o vice-presidente do Sindivarejista, Wlamir Santana, proprietário de sete lojas em shopping centers, a experiência de abertura aos domingos este ano foi negativa e não merece ser repetida. Essa, acrescenta ele, é a opinião de cerca de 90% dos lojistas filiados ao sindicato. "A maioria das empresas acabou tendo prejuízo com a abertura, por isso não estamos dispostos a

renovar o contrato", explica.

Ele acrescenta que o Sindivarejista está negociando com o SECB-DF para a abertura de apenas mais um domingo após o fim do acordo, o da semana do Natal (20 de dezembro). "Nesse dia valerá a pena, mas no restante do ano estamos certo de que não irá compensar", afirma Santana.

Os empregados também não pretendem renovar o acordo para abertura aos domingos. Segundo a presidente do SECB-DF, Geralda Godinho, não há nenhuma proposta de continuidade e o sindicato deve negociar apenas o funcionamento no dia 20 de novembro. Ela acrescenta que, caso algum empresário deseje abrir sua loja no domingo, deverá negociar em separado com o sindicato para viabilizar um possível acordo.

Ao contrário do Sindivarejista, a Aloshop considera a continuidade da abertura aos domingos essencial. Segundo o presidente da entidade, Ennius Muniz, a prorrogação é desejo da maioria das lojas filiadas à associação. "É preciso dialogar com o Sindivarejista para rever essa posição", defende Muniz. (Cont. Pág. 6)

# Dr. comércio Renovação de acordo para abertura aos domingos divide lojistas

Alessandro Mendes

de Brasília

(Continuação da Primeira Página)

Para ele, a visão empresarial deve ser a médio e longo prazo, e não imediata. "Alguns lojistas não tiveram lucro aos domingos devido ao péssimo ano e ao fato de o dia ainda não estar consolidado. Um dia por mês no primeiro ano não pode servir de base", argumenta.

Muniz considera o fim do acordo uma regressão. "Este ano abrimos um domingo por mês, em 1999 abriríamos dois e assim sucessivamente. Essa era a idéia, até o dia ficar consolidado, como em outros países e até no Rio e São Paulo", afirma. "Funcionando todos os domingos, o lojista tem mais 54 dias de venda, o que representa quase dois meses", completa Muniz.

A posição da Aloshop é a mesma defendida pelos shopping centers. Para eles, a não abertura significa prejuízo para patrões, funcionários e consumidores. O superintendente do ParkShopping, Dênis Seixas, também acredita que a reclamação dos lojistas é resultado da abertura em apenas um domingo por mês. "Se as lojas funcionassem em todos, criaria-se a cultura de compra aos domingos, o que traria um incremento importante nas vendas", acredita. Segundo Seixas, caso não haja a renovação do acordo, haverá cerca de 20% a menos de ven-

das em 1999. "Se não abrir será uma pena. Estamos torcendo para que o Sindivarejista volte atrás na decisão", declara.

O gerente comercial do Alameda Shopping, Roberto Andrade, reforça a afirmação de Seixas. "Para os shoppings, é essencial que as lojas continuem abrindo no domingo, que já é o terceiro melhor dia em vendas", afirma. Ele garante não abrir mão de uma nova negociação para a continuidade do acordo. "Tem de existir a possibilidade de abertura para quem assim o desejar", acrescenta Andrade.

No Conjunto Nacional, a posição é a mesma. A gerente-geral do shopping, Ângela Pullig Salgado, lamenta o possível fim do acordo. Para ela, a medida trará prejuízo para todos os envolvidos. "As lojas venderão menos, os funcionários terão menos oportunidades de emprego, já que o comércio tem de contratar para o domingo, e o consumidor perderá uma opção de compra", lamenta. "É uma porta que se fecha", acrescenta.

Para o superintendente do Brasília Shopping, Paulo Valter Radtke, o fim do acordo é cruel no campo de geração de empregos. Ele acredita que vários postos de trabalho deixarão de ser criados. "São cerca de 2 mil lojas em shoppings, que têm de contratar reforço para os domingos. Daí dá para se ter idéia do prejuízo para quem busca trabalho", afirma Radtke.